

ESTÉTICA DECOLONIAL NEGRA E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO NO EVENTO DE FUNK BATEKOO

“Black decolonial aesthetics and freedom of speech in funk event Batekoo”

Santos, Alanna Freitas; Graduada; Universidade Federal do Ceará; alanna.freitassa@alu.ufc.br¹

Mendes, Francisca Raimunda Nogueira; Dra; Universidade Federal do Ceará;

franciscarmendes@gmail.com²

Leite, Izabel Lima Magalhães; Graduada; Universidade Federal do Ceará;

izabellima03@alu.ufc.br³

Nântua, Vinicius Guedes; Graduando; Universidade Federal do Ceará; viniciusnantua@alu.ufc.br⁴

Resumo: A moda, como muitas categorias na sociedade, foi governada há muito tempo pelas ideologias dos colonizadores. Como forma de questionar esse eurocentrismo, a moda decolonial surge de estudos que protagonizam povos e culturas que foram por muito tempo ignoradas pelas tendências vigentes. Nesse artigo serão analisadas imagens do Instagram @batekoo, com o objetivo de expor como as roupas observadas nesse evento possuem grande influência da moda decolonial negra brasileira.

Palavras chave: Moda; decolonialidade; funk.

Abstract: Fashion, like many categories in society, has long been governed by the ideologies of colonizers. As a way of questioning this Eurocentrism, decolonial fashion emerges from studies that feature people and cultures that were ignored for a long time by current trends. In this article, images from Instagram @batekoo will be analyzed, with the aim of exposing how the clothes observed at this event have a great influence on Brazilian black decolonial fashion.

Keywords: Fashion; decoloniality; funk.

Introdução

Compreender o impacto do conceito colonial que é abordado por Quijano (2005, p.117) e a moda na formação da estética, é um processo que une discussões não só sobre o impacto da moda na indumentária e aparência de um grupo, mas em como a dominação devido ao colonialismo ainda

¹ Graduada em Design-Moda pela Universidade Federal do Ceará e participante do Programa de Educação Tutorial de Moda/UFC

² Graduada em História. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará/UFC e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará/UFC. Professora do Curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde desenvolve pesquisas e orienta trabalhos na área de história da moda, da indumentária, comportamento e consumo, entre outros. Atualmente, também é tutora do Programa PET Moda UFC.

³ Graduada em Design-Moda pela Universidade Federal do Ceará e participante do Programa de Educação Tutorial de Moda/UFC

⁴ Graduada em Design-Moda pela Universidade Federal do Ceará e participante do Programa de Educação Tutorial de Moda/UFC

permeia as relações de poder socialmente e como isso impacta diretamente nas questões identitárias, de expressão através da veste e de comunicação com esta. (MIZHARI, 2019, p.461).

Este artigo aborda primeiramente a colonialidade e seus impactos, compreendendo sua trajetória histórica conceitualmente, apresentando como se desenvolveram certos conceitos de dominação, distinção e hierarquização, como o eurocentrismo. (SANTOS, 2020, p.177-178). Na sequência apresenta como a indumentária na história do Brasil foi frequentemente usada como método de distinção e trata como através das vestes usadas durante as épocas tendia a ser visto uma clara inspiração na moda europeia. (FREYRE, 2009, p.157).

Logo após, é tratado sobre a relação do processo identitário individual com a racialidade e como esses impactam na estética social e em grupo, entendendo assim como estilizar o corpo mostra ser uma forma de expressão que transpassa sobre as questões de comunicação e linguagem (DE SOUZA: FERNANDES, 2016, p.106), e abordando isso através dos olhos da decolonialidade, assim como proposto por Heloísa Santos (2020, p.179).

Por fim, o artigo aborda as vestes que costumam ser usadas nos bailes funks, realizando uma análise a partir de fotos do instagram do evento de funk Batekoo, que acontece em grandes capitais do Brasil. E além de falar do evento em si, expressará as principais indumentárias que este evento de funk apresenta e como elas são utilizadas de modo a expressar e comunicar e a forma que isso se conecta com o processo identitário negro.

Colonialidade e Formas de Expressão na Moda

A colonialidade foi movimento opressor por muito tempo e dominou grandes partes dos outros países. Dentre os movimentos da colonialidade nasceu o eurocentrismo, que, segundo Samir Amin (1994 p.41), definiu-o como a crença generalizada de que o modelo de desenvolvimento europeu-ocidental seja uma fatalidade para todas as sociedades e nações, já que dogmas, religiões e vestimentas de outras culturas foram deixados de lado por serem vistos como inválidos e errados.

A partir do século XVI iniciou a formação do eurocentrismo ou, como nomeia Coronil (1996 p.51), do ocidentalismo, entendido como o imaginário dominante do mundo colonial que permitiu legitimar a dominação e a exploração imperial. Com base nesse imaginário, o outro foi visto como atrasado em relação à produção cultural europeia.



Sob esse outro é que se exerceu o "mito da modernidade" em que a civilização moderna se autodescreveu como a mais desenvolvida e superior e, por isso, com a obrigação moral de desenvolver os primitivos, a despeito da vontade daqueles que são nomeados como primitivos e atrasados (DUSSEL, 2005 p.55).

Podemos perceber que, a partir desse momento o que é do “outro” sempre é visto como algo errado, que não pode ser entendido, e o que é “meu” sempre é visto com bons olhares e o lado certo da história.

As consequências negativas e o impacto na moda

É notório os impactos que assolam o mundo por conta do eurocentrismo e as opressões que por ele foram causadas, a diferença de oportunidades, estilos de vida e situações são grandes. De acordo com Mignolo (2003, p.111), existe a “diferença colonial”, já que os povos submetidos à expansão dos colonialismos internos e externos, são afetados pela ocidentalização do mundo. Assim, isso permite observar o quanto prejudicam grande parte do nosso país e o quanto estas pessoas são prejudicadas por não terem as oportunidades necessárias e os estilos de vida almejados graças a acontecimentos históricos de muitos anos atrás que trazem suas raízes hodiernamente.

Este movimento, segundo Ranajit Guha (1997), permite que o colonizador manipule as noções de indumentária e traje para que as pessoas se tornem as mais exóticas possíveis, fazem com que elas se afastem de quem elas realmente são para ficarem mais próximas da visão do seu colonizador.

Nas análises da história do vestuário brasileiro, como na obra "Modos de homem e modas de mulher" de Gilberto Freyre (2009, p.157) em que o autor discorre sobre penteados, vestidos, camisas e calçados presentes nas vestimentas do país desde o século XIX, a indumentária, ainda que bastante complexa, não é tratada como moda, sendo frequentemente compreendida como menor, deficiente e/ou relativa à reprodução e cópia da moda europeia. A história da moda brasileira é construída em torno da convicção de que a relação com a roupa e com os adornos no Brasil se inicia com a vinda da família real para a colônia. Isso auxilia já que faz com que as roupas passem a ser instrumentos de opressão, se você não se veste de acordo com tal classe você não é digno de posição social ou fala.



Estética Negra: Identidade e Expressão

Ao abordar sobre relações e conceitos sociais tomando como análise um país que é denominado como pós-colonial, entendendo este como um país que passou pelo processo de ser colonizado e mesmo após deixar de ser colônia os traços de dominação ainda se mostram presentes. Costa e Grosfoguel (2016) dissertam sobre esse conceito ao acentuar:

O “pós” do pós-colonial não significa que os efeitos do domínio colonial foram suspensos no momento em que concluiu o domínio territorial sob uma colônia. Ao contrário, os conflitos de poder e os regimes de poder-saber continuaram e continuam nas chamadas nações pós-coloniais. (COSTA; GROSFUGUEL, 2016, p. 15).

Compreendendo essa relação de poder-saber sobre aqueles conhecidos como pós-coloniais, e os existentes traços de controle sobre suas epistemes e verdades devido a toda extirpação e reprodução de dominação que ocorre com o processo colonizador, nasce a importância de se ter algo como decolonial, propondo uma inversão nas relações de poder atreladas a tal, com um processo que visa se desprender dos regimes de poder e saber que são impostos pela dominação do colonialismo. E ao se tomar a moda e os fatores estéticos de um povo ao sofrer um giro delolonial como ponto de análise, tira o protagonismo do conceito ideal do colonizador e tende a praticar e entender a moda através de suas epistemes, linguagens, expressões e relações. (SANTOS, 2020, p.180).

Mizhari (2019, p.469) expõe sobre como a estética de uma sociedade ou um grupo não se relaciona apenas com a aparência que determinadas decisões estéticas tomam, mas é muito mais abrangente, se coligando a questões de distinção, identificação e expressão daqueles que as portam. Quando se fala sobre a estética negra brasileira tem que se compreender como essa envolve muito mais do que falar de artigos e formas de trajar a moda, seja ela desenvolvida ou modificada por estes, mas a utilização de qualquer peça vista como pertencentes e oriundas destes têm ali vivo um traço cultural afro-brasileiro.

E as relações amplas que as estéticas adjetivadas como negras possuem, causam direto impacto no entendimento identitário daqueles que as usam devido às suas características que carregam constantemente uma relação de antagonismo, do eu e o outro, por fundamentar e construir



sua aparência se distanciando do denominado como branco. Isso apresenta como a construção da moda para a negritude quando é vista como decolonial, possui um recorte de racialidade que afeta a identidade destes pelo binarismo e antagonismo criado nessa relação de eu e outro. (MIZHARI, 2019, p.460).

Da Silva (2000, p.81-82) dissecou como os trâmites que levam a possuir um traço identitário na verdade não é necessariamente um processo de entendimento de quem se é, mas ocorre de fato uma cadeia de negações e de distanciamento a aquilo que o indivíduo não se define como. E se encontra intrínseco no ato de identificação e diferenciação uma relação de poder que se expressa em diferentes formatos devido a fixação de determinada identidade como a norma, que tende a gerar uma hierarquização pela construção do cenário binário de “nós” e “eles”.

Adentrando nesse binarismo identitário que sofre relação de dominância, ao abordar a racialidade junto a isso, se entende que a presença da identidade é um constante processo que se apresenta pelo entender daquilo que se é diferente. E mesmo que o racismo aplique diante as identidades “a marca do plural” como diz Memmi (1977, p.81), os indivíduos que compõem a negritude são diversos entre si e devido as marcas sociais que estes carregam é definido seu local dentro da estrutura social. O que afeta o processo identitário, pois já que “ser negro” é uma definição marcada que carrega um estigma social, esta é contraposta ao “ser branco”, o qual recebe as atribuições positivas. (DE SOUZA: FERNANDES, 2016, p.106).

Então ao usar de acessórios, roupas e cabelos caracterizados e conhecidos por pertencerem a estes, há uma expressão e simbologias que possuem aspectos que impactam na produção social da identidade destes e carregam uma notória relação de diferenciação e afastamento, gerando um vínculo identitário com o não branco, propondo assim um giro decolonial no vestir. E nesse encadeamento de causa e consequência em que a identidade influencia as questões estéticas, assim como a estética de um grupo impacta na identidade individual, a expressão pela aparência possui uma linguagem intrínseca que é transmitida para quem a vê. Hall (1997) confirma tal ao dizer que:

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. [...] Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra. (HALL, 1997, p. 61).



Conforme essa associação criada, Mylene Mizhari (2019, p.469) defende que a estética de corpos possuem uma dimensão relacional, e esta se comunica. E ao compreender que ao portar uma veste e adorná-la existe ali uma linguagem sendo transmitida ocorre um processo relacional de dependência entre a expressão, comunicação e identidade, pois ao estetizar corpos negros entendendo o local deste indivíduo e o afastando das influências da colonialidade mostra assim a existência de um eu identidade que se apropria e comunica uma produção de discurso político ao se expressar.

As Roupas no Baile Funk Batekoo

O Batekoo é, segundo Pereira (2019, p.58), um evento criado em 2014 por dois produtores negros de Salvador, Maurício Sacramento e Wesley Miranda, e que faz sucesso atualmente como uma festa voltada para o público negro e LGBTQIA+ de periferia, com edições que se espalham por várias capitais brasileiras e também são sediadas por cidades do exterior. Segundo Ribeiro (2020, P.63), a partir de meados de 2015, as primeiras edições das festas “Don’t touch my hair” e da Batekoo se tornaram as primeiras iniciativas voltadas para um público LGBTQIA+ negro de São Paulo. Com a presença majoritária de um público queer, esse baile apresenta um rompimento com as ideias heteronormativas sobre corpo, apresentando uma moda muito mais decolonial de acordo com Pereira (2015, p.412), o qual aponta que a teoria queer surgiu como críticas aos efeitos normalizantes das formações identitárias e como probabilidade de agrupamento de corpos dissidentes.

Como tal, delineou invenções transgressoras e possibilidades para além da construção binária dos sexos, repensando ontologias, opondo-se às epistemologias hétero e cisnormativas que dominam a produção da ciência.

Nos posts do Instagram do Batekoo é visível como as vestes daqueles que participam do evento se diferem das de outros bailes, com pessoas usando roupas curtas, transparentes, largas e compridas, acompanhadas dos mais diversos acessórios. Esse vestuário concorda com a estética encontrada em outros bailes LGBTQIA+ como aponta Macedo e Simões (2011) ao afirmarem que as características que denotam masculinidade e feminilidade são importantes na orientação da paquera e das parcerias. Com rapazes mais femininos usando roupas mais justas, camisetas que podem ser brilhantes e transparentes, calças que trazem uma profusão de detalhes, como zíperes e



bolsos extras, enquanto os mais masculinos usam roupas largas e de cores sóbrias, colares e bonés de abas curvadas, que cobrem parte do rosto. As vestes das mulheres também acompanham esse pensamento, como é apontado por Sardenberg (2014, p.2613), uma vez que afirma que, muitas trajam roupas identificadas como masculinas: bermudas largas na altura do joelho, com camisas largas ou camisetas estilo regata, calçam tênis, chinelas ou sandálias havaianas, usam bonés, tem cabelos bem curtos e, quando longos, presos em forma de rabo de cavalo. No figurino, adereços masculinos, como relógios, anéis e trancelim no pescoço. Algumas vestem calções ou camisas de uniforme de seus times de futebol, enquanto outras adotam performances femininas, usando shorts apertados e curtos, saias curtas, calças jeans; blusas decotadas e coladas no corpo

As mulheres, por sua vez utilizam-se das roupas como forma de empoderamento, como apontam o Semoc (2018, p.8) ao afirmar que as funkeiras, ao se vestirem com roupas curtas e justas, buscam quebrar os padrões estéticos impostos pela sociedade, além de tomar posse do seu corpo e usá-lo como símbolo da sua liberdade sexual. Isso pode ser observado na imagem 1, retirada do Instagram do Batekoo, na qual uma pessoa negra que apresenta características que denotam feminilidade, utiliza apenas um sutiã e correntes na parte superior do corpo e um mini short na parte inferior, deixando grande parte de seu corpo exposto. Também estando presentes nesta imagem muitos traços dos estilos africanos deixados pelas mulheres, de acordo com Chataignier (2006, p.15-21, apud CORREA e SANTOS, 2012, p.6), sendo estes, os grandes brincos de argola e as longas unhas postiças.

Figura 2: pessoa no meio da multidão no Batekoo



Fonte: <https://www.instagram.com/batekoo/> São Paulo 01/06/2022

Com a presença predominante de pessoas negras, esse baile tem como outra característica muito expressiva de sua estética, o uso expressivo de cabelos de pessoas negras. Sendo exibidos dreads e tranças, black power e cachos, com as cores naturais ou tingimentos chamativos, como é visto na imagem 2, encontrando-se presente também o famoso cabelo “na régua”, isto é, cabelos curtos e com cortes desenhados. De acordo com Downing (2000, p.124) o cabelo é muito utilizado pelos jovens negros como forma de transmitir uma mensagem de empoderamento para a sociedade, concordando com Quijano (2005, p.118) ao afirmar que, na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. Torna-se possível perceber como a aparição dessas características raciais produz uma moda cada vez mais decolonial, uma vez que se afasta dos traços eurocêtricos que são valorizados pela sociedade.

Figura 2: pessoa com tranças coloridas curtindo o Batekoo



Fonte: <https://www.instagram.com/batekoo/> Salvador 01/06/2022

Considerações Finais

Foi possível entender mais acerca do impacto do conceito colonial e a moda na formação da estética, já que é um processo que une discussões não só sobre o impacto da moda, mas também na indumentária e na aparência de um grupo.

Pudemos compreender mais acerca dos acontecimentos históricos e como se iniciou o processo do eurocentrismo, além de como a moda participou para diferenciar as camadas da sociedade e o que ditar para se transformar exótico ou inválido, visto que a moda sempre nos ajuda a entender mais sobre os contextos históricos e nos ajuda a ser estudo de caso para nos guiar a fazer novas pesquisas. Na sequência, é apresentado como a indumentária na história do Brasil foi frequentemente usada como método de distinção e é tratado através das vestes usadas durante as épocas que tendia a ser visto como uma clara inspiração na moda europeia.

Além disso, abordamos a indumentária do Batekoo a partir de fotos do Instagram do evento de funk, que acontece em grandes capitais do Brasil e como a decolonialidade pode influenciar as roupas das pessoas e pode até ser um instrumento de expressão. Também é tratado sobre a relação do processo identitário individual analisando juntamente a um recorte racial e como esse impacta na estética social e em grupo, já que foi possível compreender sobre as vestes das roupas que eram usadas neste evento e o quanto suas roupas permitem que eles possam afirmar o seu lugar no

mundo. Outra forma de expressão presente no Batekoo são os cabelos “na régua” e as tranças com diferentes cores e tingimentos, sendo possível entender mais acerca do processo identitário negro.

Referências

CORONIL, Fernando. **Beyond occidentalism? Towards non-imperial geohistorical categories.** Cultural Anthropology, v. 11, n. 1, p. 51-87, Feb. 1996.

CORREA, Suzamar; SANTOS, Robson de Souza dos. MODELO NEGRA E COMUNICAÇÃO DE MODA NO BRASIL:ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS ANÚNCIOS PUBLICADOS NA REVISTA VOGUE BRASIL. **Iniciacom Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicacao Social**, Santa Catarina, v. 2, n. 4, p. 1-23, jun. 2012. Anual. Acesso em: 23 ago. 2022.

DE SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano; FERNANDES, Viviane Barboza. **Identidade negra entre exclusão e liberdade.** Rev. Inst. Estud. Bras. Jan-Apr 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo.** In: Lander, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americana, p.. 55-70. Buenos Aires: Clacso, 2005

DOWNING, John D. H.. **Radical Media:** rebellious communication and social movements. New York City: Sage, 2000. 425 p.

RIBEIRO, Bruno Nzinga. “Vida preta importa quando a gente tá morta, não quando a gente tá viva”. **Áskesis - Revista Des Discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Ufscar**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 59-78, 24 fev. 2021. Askesis. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.46269/9120.568>>.

MIZRAHI, Mylene. O Funk, a Roupa e o Corpo: caminhos para uma abordagem antropológica da moda. **Cadernos de Arte e Antropologia**, [S.L.], n. 81, p. 105-121, 28 mar. 2018. OpenEdition. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4000/cadernosaa.2079>>.

MIZRAHI, Mylene. **As políticas dos cabelos negros, entre mulheres: estética, relacionalidade e dissidência no Rio de Janeiro.** Mana, vol.25, no.2. 457-488. Rio de Janeiro May/Aug. 2019. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132019000200457&script=sci_arttext>. Acesso em: 16 mai. 2022.



MIGNOLO, Walter (1998). "**Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina**", en CASTRO-GÓMEZ, Santiago & MENDIETA, Eduardo (coords.). *Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate*. México: Miguel Ángel Porrúa.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Batekoo: Território de Afetos. *Arquivos do Cmd*, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 58-77, 3 set. 2020. Biblioteca Central da UNB. <http://dx.doi.org/10.26512/cmd.v8i2>.

_____. **Modos de homem, modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 2009; FREYRE, G. *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*. apud MEUCCI, Simone.

SANTOS, Heloisa. **Uma análise teórico-política decolonial sobre o conceito de moda e seus usos**. *Modapalavra e-periódico*, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 164-190, 2020. DOI: 10.5965/1982615x13272020164. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/15948>>. Acesso em: 29 mai. 2022.

SARDENBERG, Cecilia Maria. **Estilo Bofe: Ferramentas de produção de gênero e sexualidade em lésbicas e bissexuais**. In: REDOR, 18., 2014, Recife. Recife: Ufpb, 2014. p. 2612-2628.

SEMOC, 21., 2018, Salvador. **O movimento funk e sua influência no empoderamento feminino**. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2018. 15 p.

SILVA, Tomas Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. *Identidade e diferença: A perspectivas dos estudos culturais*. Pág.: 73-102. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. Disponível em: <http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/banco/textos/SILVA_-_Identidade_e_Diferen%C3%A7a.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. **Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo**. *Cadernos Pagu*, [S.L.], n. 35, p. 37-78, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-83332010000200003>.

